

MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

Batismo de Brasília

• Temporada de festas é temporada de lembranças. Quarenta anos fez Brasília e me lembro da reportagem que fiz da inauguração, juntamente com o Jorge Leão Teixeira, para o "Correio da Manhã". Os grandes jornais do Rio tinham reticências sobre a aventura de JK, prevendo a perda de influência que lhes traria a mudança da capital. O único entusiasta era a "Última Hora", de Samuel Wainer.

Jorge e eu partimos de Petrópolis numa Kombi, juntamente com um dublê de fotógrafo e motorista chamado Bonitinho, rumo a Brasília. A partir de Belo Horizonte pouco havia à beira da estrada. Lagoa Santa, João Pinheiro e Curvelo eram modestas povoações, que íamos deixando para trás. A paisagem era a do Cerrado, com suas árvores torcidas, e não nos teria surpreendido o aparecimento dos jagunços de Guimarães Rosa. "Grandes Sertões, Veredas", "viver é perigoso, moço". As palavras do jagunço Riobaldo soavam nos nossos ouvidos contando histórias de guerras e do Diadorim, que só arrebitado de balas, no meio da rua, revelou sua natureza feminina.

Já noite, pousamos em Paracatu, berço de uma banda da minha família. O garçom do solitário restaurante acudia pelo apelido de Pelé, preto como um tição que era. Conversamos sobre o sonho de mudar-se para Brasília que tinha na cabeça e perguntei qual o seu nome verdadeiro. Enunciou-o com toda a pompa:

— Afrânio de Melo Franco.

Levantei e dei um abraço no primo recém-descoberto. Conteí que outros Afrânios o precediam, diplomatas e juristas, mas que o Afrânio da nossa geração tinha o apelido de Galinha, dada a volubilidade de suas escolhas sentimentais.

Não sei o fim que terá levado o primo, tão prontamente abandonado como de súbito descoberto, mas o parentesco resultou num isopor cheio de gelo, que em seguida me seria de grande valia.

A Novacap reservara para os jornais do Rio um corrido de casas na vila da Caixa Econômica, junto da W-3, então uma avenida comercial embrionária. A casa do "Correio da Manhã" era vizinha da "Última Hora", onde Samuel Wainer se instalara no comando da sua equipe. A cordialidade entre jornalistas era então talvez maior que hoje e fui prontamente cumprimentar os vizinhos. Samuel tinha dois trunfos raros, que colocou à minha disposição: um telefone que falava para o mundo, inaugurado quatro dias antes — parte das comemorações da nova capital —, e uma garrafa de excelente uísque. Troquei algumas doses pelo gelo que trazíamos de Paracatu, porque tomar uísque sem gelo é um detestável hábito inglês.

Fazer funcionar o telefone interurbano era uma das condições impostas dos parlamentares de oposição no Congresso para saírem do

Rio. Israel Pinheiro, comandante da construção da cidade, contou que as empresas que ganharam a concorrência para instalá-lo, uma alemã e outra americana, não se comprometiam a entregar o sistema antes do 21 de abril de 1960, o que o obrigara a criar uma companhia especialmente para o serviço. O fato de ter conseguido inaugurar em tempo a telefonia foi apenas um dos feitos tecnológicos da mudança da capital.

Não havia um metro de grama plantado. A Esplanada dos Ministérios era um imenso descampado de terra vermelha, cortado por súbitos rodamosinhos de vento que transformavam em tijolos ambulantes quem por eles fosse surpreendido.

Na divisão de trabalho que combinamos, Jorge, um pouco mais velho e possuidor de terno e gravata, ficou com a parte oficial, dentro do Congresso. Postei-me logo abaixo da rampa, no meio dos candangos. O cronista social do "Jornal do Brasil" era um cidadão elegantíssimo, cavaleiro da Ordem de Malta. Subiu a rampa de braços com o enviado papal, o cardeal Cerejeira, Patriarca de Lisboa. O uniforme da Ordem de Malta é um portento de imponência. Tem um dólma vermelho, contrastando com o negro das lapelas e, se não me engano, completado por uma espada. Coisa muito linda de se ver. Ao meu lado, um candango perguntou a outro:

— Quem é aquele militar de braços com o padre?

— É o marechal Lott, não está vendo logo? — respondeu o outro.

O marechal Lott, ministro da Guerra, adquirira notoriedade durante o Governo JK e em breve sairia candidato a presidente da República para ser trucidado nas urnas por Jânio Quadros.

Quem tinha, além de Juscelino, a perfeita noção da grandeza do passo que se dava era Israel Pinheiro. Toca-dor das obras, deu uma entrevista no dia seguinte às cerimônias. Congratulou-se com os jornalistas que tiveram o privilégio de testemunhar o batizado da cidade e informou-nos que, quase dois séculos antes, um inglês havia previsto a criação de uma Nova Lisboa, que seria a capital da América do Sul, centro de estradas que iriam a Caiena e Buenos Aires. Só esquecera o nome do gringo.

Era William Pitt, primeiro-ministro da Inglaterra, cujo profético discurso, publicado em Lisboa em 1808, acabara de ser descoberto pelo historiador Francisco de Assis Barbosa.